

FEBRE ROMANA

I

Duas senhoras americanas de meia-idade madura mas bem cuidada ergueram-se da mesa onde tinham estado a almoçar, atravessaram a varanda alta do restaurante romano e, debruçando-se sobre o parapeito, olharam, primeiro, uma para a outra e, em seguida, para baixo, para as glórias espraçadas do Palatino e do Fórum com a mesma expressão de concordância vaga, mas benevolente.

Ao mesmo tempo que ali se debruçavam, uma voz amenizada, vinda das escadas que davam para o pátio, em baixo, ecoou com alegria. «Bem, anda, então», gritou, não para elas mas para uma companhia invisível, «e deixemos as jovens entregues ao seu tricô», e uma voz igualmente fresca riu por sua vez: «Oh, Babs, olha lá, não é bem a tricotar...» «Bem, em sentido figurado, quero eu dizer», replicou a primeira. «Afinal de contas, não deixámos às nossas pobres mães muito mais que fazer...» Naquele ponto a curva das escadas silenciou o diálogo.

As duas senhoras voltaram a olhar uma para a outra, desta vez com um laivo de embaraço sorridente, e a mais pequena e pálida abanou a cabeça, corando ao de leve.

— Barbara! — murmurou, dirigindo uma repreensão à voz trocista da escadaria que a não ouviu.

A outra senhora, que era mais cheia e morena, com um nariz pequeno e decidido suportado por sobranceiras negras e vigorosas soltou uma gargalhada bem-disposta.

— É o que as nossas filhas pensam de nós.

A companheira respondeu com um gesto desaprovador.

— Não de nós individualmente. É preciso não esquecer isso. Trata-se apenas da ideia colectiva moderna acerca das Mães. E, estás a ver... — Algo culpada retirou da carteira preta, estruturada com elegância uma meada de seda carmesim com duas agulhas finas de tricotar espetadas. — Nunca se sabe — murmurou. — É certo que o novo sistema nos deixou bastante tempo para matar. E, por vezes, fico cansada só de olhar... até para isto. — O gesto dela dirigia-se, agora, para o cenário estupendo aos pés de ambas.

A senhora de tez mais escura soltou de novo uma gargalhada e o olhar de ambas recaiu sobre o panorama, contemplando-o em silêncio com uma espécie de serenidade difusa que podia ter sido um empréstimo do resplendor primaveril dos céus romanos. A hora de almoço passara há muito e as duas tinham aquela extremidade da varanda ampla por sua conta. No extremo oposto, alguns grupos que um olhar lânguido sobre a cidade espriada retinha, juntavam roteiros, tacteando à procura de sugestões. Os últimos dispersaram, ficando as duas senhoras sozinhas nas alturas varridas pelo ar.

— Bem, não vejo porque não havemos, simplesmente, de ficar aqui — disse Mrs. Slade, a senhora morena de sobranceiras enérgicas. Empurrou duas cadeiras de verga abandonadas que ali estavam por perto para o canto do parapeito e instalou-se numa delas, a fitar o Palatino. — Afinal, ainda é a vista mais bonita do mundo.

— Sempre será, para mim — anuiu a amiga, Mrs. Ansley, acentuando tão pouco o «mim» que Mrs. Slade, embora reparando, pensou se não teria sido meramente aci-

dental, tal como os sublinhados fortuitos dos escritores epistolares antiquados.

«A Grace Ansley sempre foi antiquada», pensou, acrescentando em voz alta com um sorriso retrospectivo:

— Uma vista que nos é familiar a ambas há muitos e bons anos. A primeira vez que nos encontrámos aqui éramos mais novas que as nossas filhas são hoje. Tu lembras-te!

— Oh, sim, lembro-me — murmurou Mrs. Ansley com a mesma acentuação indefinível. — Ali está aquele empregado a cismar — interpolou. Era, à evidência, muito menos segura de si própria e dos seus direitos no mundo que a companheira.

— Eu trato-lhe da cisma — disse Mrs. Slade, estendendo a mão para uma carteira de aparência tão discretamente opulenta quanto a da Mrs. Ansley. Fazendo sinal ao empregado, explicou que ela e a amiga eram antigas apaixonadas por Roma, e que gostariam de passar o final da tarde a apreciar a vista... isto é, se tal não perturbasse o serviço! O empregado, curvando-se à gorjeta dela, garantiu-lhe que as senhoras eram muito bem-vindas e que ainda o seriam mais se condescendessem em permanecer para o jantar. Uma noite de lua cheia, recordar-se-iam...

As sobrancelhas negras de Mrs. Slade aproximaram-se, como se as referências à lua fossem despropositadas e, até, mal vistas.

— Bem, porque não! Podia dar-nos para pior. Suponho que não haverá maneira de saber quando as meninas estarão de volta. Por acaso sabes aonde foram? Eu não!

Mrs. Ansley voltou a corar ligeiramente.

— Acho que aqueles jovens aviadores italianos com quem nos cruzámos na Embaixada as convidaram a ir de avião a Tarquínia, lanchar. Suponho que quererão esperar para fazer a viagem de regresso ao luar.

— O luar... o luar! Como desempenha ainda um papel importante. Achas que elas são tão sentimentais como nós éramos?

— Cheguei à conclusão que não sei minimamente o que são — disse Mrs. Ansley. — E talvez nós não soubéssemos muito mais acerca uma da outra.

— Não, talvez não soubéssemos.

A amiga lançou-lhe um olhar tímido.

— Nunca teria imaginado que eras sentimental, Alida.

— Bem, se calhar não era. — Mrs. Slade cerrou as pálpebras em retrospectiva e, por alguns instantes, ambas as senhoras, íntimas desde a infância, reflectiram sobre o pouco que se conheciam uma à outra. Cada qual, claro, tinha uma etiqueta pronta para atar ao nome da outra. Mrs. Delphin Slade, por exemplo, teria dito a si própria ou a qualquer um que lhe perguntasse, que há vinte e cinco anos Mrs. Horace Ansley fora de uma beleza admirável... não, parece incrível, não é! Embora, claro, ainda fosse encantadora, distinta... Bem, em jovem tinha sido lindíssima. Muito mais bonita que a filha, a Barbara, embora, decerto, a Babs, de qualquer modo, segundo os novos padrões, fosse mais vistosa: tivesse mais *garra*, tal como se diz. Curioso, onde fora buscá-la, com aquelas duas nulidades como pais. Sim, o Horace Ansley era... bem, a simples réplica da mulher. Espécimes de museu da velha Nova Iorque. Bem-parecidos, irrepreensíveis, exemplares. Mrs. Slade e Mrs. Ansley tinham vivido de frente uma da outra (tanto na realidade como em sentido figurado) durante anos. Sempre que se renovavam os cortinados da sala de estar do n.º 20 da Rua Setenta e Três Este, o n.º 23, no outro lado da rua, dava por isso. E por todas as mudanças, aquisições, viagens, aniversários, doenças... a crónica mansa de um par estimável. Pouco escapara a Mrs. Slade. Mas já estava farta por altura em que o marido dera o seu golpe audacioso na bolsa de Wall

Street e aquando da compra de casa na Avenida do Parque Norte já começara a pensar: «Preferia viver em frente de um bar clandestino, para variar. Pelo menos poderia assistir-se a uma rusga.» A ideia de Grace ser alvo de uma rusga era tão divertida que a lançou (antes da mudança) num almoço de senhoras. Fez sucesso e correu pela sociedade: por vezes interrogava-se se teria atravessado a rua, chegando aos ouvidos de Mrs. Ansley. Esperava que não, mas pouco lhe importava. Naquela época a respeitabilidade pouco valia e aos irrepreensíveis não fazia mal que se risse um pouco deles.

Alguns anos mais tarde e com poucos meses de diferença, ambas as senhoras perderam os maridos. Houve uma troca adequada de coroas de flores e condolências, bem como um breve renovar de intimidade na semi-escuridão do luto. E, agora, após outro intervalo, tinham-se cruzado em Roma, no mesmo hotel, cada uma qual apêndice modesto de uma filha saliente. A similitude das suas sortes aproximara-as mais uma vez, prestando-se a gracejos ligeiros e à confissão recíproca que se nos velhos tempos devia ser cansativo «acompanhar o ritmo» das filhas agora, por vezes, era um pouco aborrecido não o fazer.

Sem dúvida, reflectia Mrs. Slade, que a pobre Grace jamais sentiria a desocupação tanto como ela. Era uma grande quebra passar de mulher de Delphin Slade a sua viúva. Sempre se achara (com um certo orgulho conjugal) sua equivalente em dotes sociais, dando o seu pleno contributo para a feitura do par extraordinário que eram. Mas, após a morte dele, a diferença era irremediável. Enquanto fora a mulher do famoso advogado comercialista, sempre com um ou dois casos internacionais em mãos, todos os dias eram acompanhados da sua obrigação excitante e inesperada: receber de improviso colegas eminentes vindos do estrangeiro, viagens de trabalho súbitas e